

ANAMALÍMA WAZULŪ!

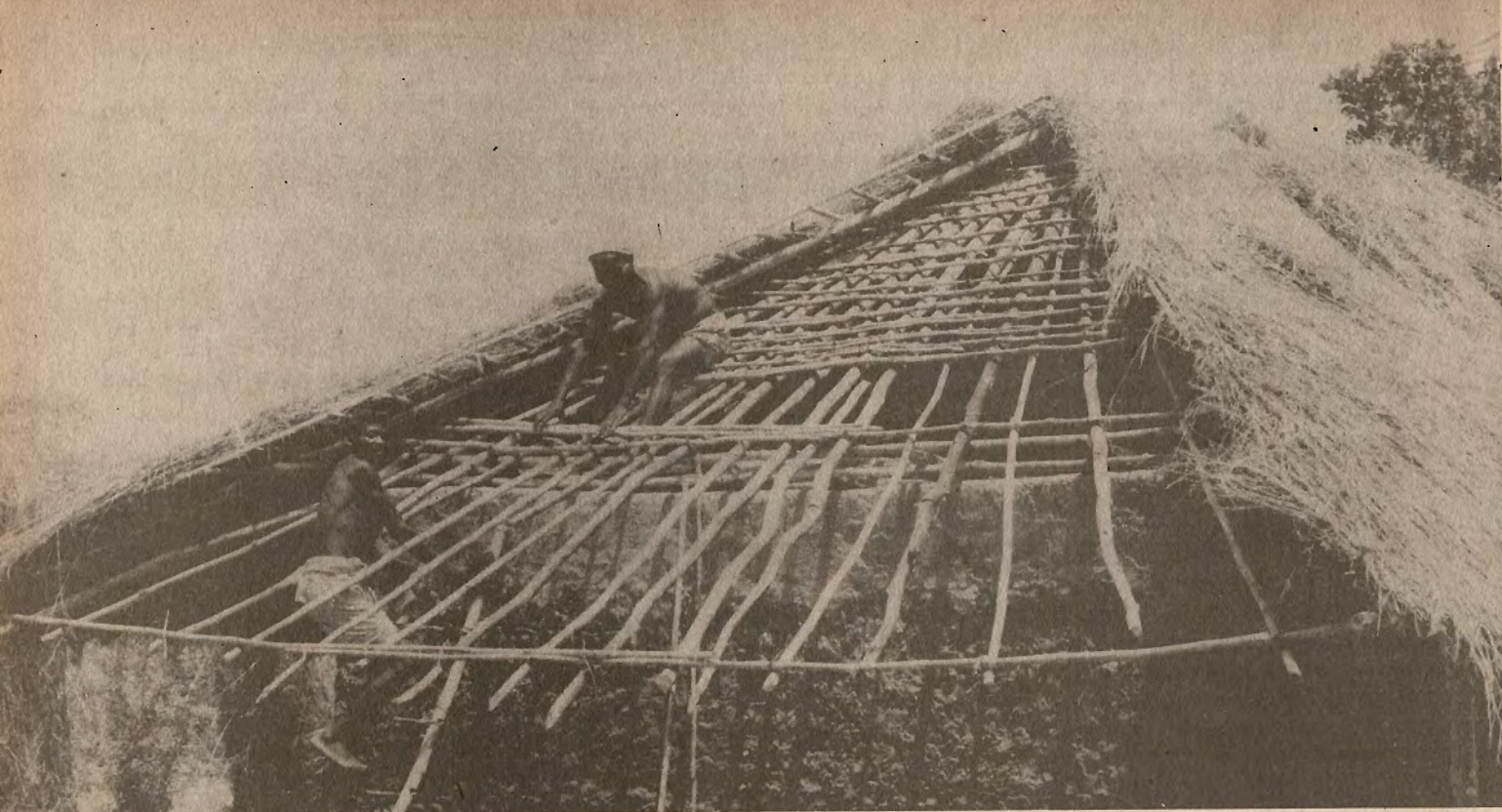


PELOS NOSSOS
ENVIADOS ESPECIAIS

ALDEIAS COMUNAIS NA PROVÍNCIA DE NAMPULA (I)

O espectáculo repetiu-se dezenas de vezes: abandonávamos uma estrada de areia, por vezes saltitante, para entrarmos numa via ainda mais estreita, a picada por excelência. Andávamos cinco, seis, sete quilómetros e de repente surgiam casas alinhadas feitas de pau a pique ou de blocos. Estávamos numa Aldeia Comunal. Gostaríamos de poder transmitir ao leitor todas as sensações que nos envolviam sempre que chegávamos a uma nova aldeia. Gostaríamos também de poder transmitir o calor humano que nos envolveu, calor proveniente dos cam-

poneses, heróis do trabalho e da disciplina. Visitámos onze Distritos da Província de Nampula. Vimos mais de onze Aldeias Comunais. Acompanhe-nos neste espanto, leitor, espanto igual ao de uma criança que assistisse a um parto. E neste caso o parto é o desabrochar de uma sociedade, é a construção de vilas no meio da mata, é a materialização (das mais gratas, das mais decisivas) de uma das maiores palavras de ordem da Frente de Libertação de Moçambique: Ideias Comunais. Edificação das cidades no campo



Servindo-se de material tradicional os camponeses erguem Aldeias Comunaís. Todos ajudam na construção de cada habitação. Novo tipo de divisão interior foi introduzido nestas habitações.

Por onde começar? Podemos principiar por informar que na Província de Nampula, durante quinze dias, estivemos nos Distritos de Eráti, Nacala, Ilha, Monapo, Meconta, Moma, Angoché, Mogovolas, Malema, Ribaué e Nampula. Onze dos dezoito Distritos da Província, suficientemente distantes uns dos outros para nos convencerem que o espírito de construção de Aldeias Comunaís não se limita a uma ou duas localidades. Mas depois ir para onde? Para a abertura de espírito, decisão de combate e extrema comunicabilidade que encontramos nos camponeses de NAJACA, Distrito de Moma, que edificam casas de alvenaria no meio de uma floresta cheia de pau-ferro? Dizer da geometria impressionante das casas de pau a pique edificadas na Aldeia pelos camponeses de ITOCULO, Distrito de Moma, chamada de Aldeia Comunal Ofensiva Generalizada na Frente da Produção? Ou começar logo pela descrição do dinamismo das 555 famílias inscritas na Aldeia de RIEQUE, Distrito de Mogovolas, que em dois dias erguem as quatro paredes de uma habitação de alvenaria com as respectivas divisões e que desmontam à mão vários hectares de terreno arrancando as árvores pe-

la raiz? Por esta força, por este ritmo, o Governador da Província de Nampula propôs o nome de Samora Machel à aldeia de RIEQUE. Ou falar de MEJUCO um nome que ficará na nossa História? MEJUCO, no Distrito do Eráti onde os camponeses fizeram uma machamba colectiva de algodão que rendeu 800 contos, camponeses que compraram um tractor, que produziram 24 toneladas de milho, mais de vinte toneladas de girassol, que desenvolveram um trabalho tão brilhante que sensibilizou a Direcção da FRELIMO a qual, através do Governo, concedeu um subsídio de mil contos a estes camponeses?

É difícil saber por onde começar. Podemos contar uma pequena história que alguns dirão ter sido tirada do filme tanzaniano «Ujamaa» mas que foi constatada ao vivo no Eráti. Um camponês de Mhula acompanhava o Administrador do Distrito na visita à Aldeia de ODINEPA. Esse camponês numa reunião em que se mobilizava a população para a construção de uma Aldeia Comunal levantou-se e fez um discurso que fez nascer dúvidas a muitos dos presentes. Como é que uma machamba pode pertencer a todos, dizia ele. Como é que uma camisa pode ser de todos? Quando se

saberá quem deve usar a camisa? Como é que uma árvore de frutos pode ser de todos? Quem terá o direito de colher os frutos dessa árvore? O Administrador do Distrito convidou-o a ir ver a Aldeia de MEJUCO e o trabalho de edificação da Aldeia de ODINEPA. Estava embaraçado como criança, esse camponês. Embaraçado ao ver que o que pensava não correspondia a realidade. Em MEJUCO viu casas de alvenaria a serem construídas por aqueles que as hão-de habitar. Em ODINEPA estava a ver uma machamba colectiva impressionante e junto ao rio Lúrio viu camponeses como ele a fabricarem blocos para as futuras habitações. Tirando um ou outro pormenor esta história real é igual ao enredo do filme tanzaniano «Ujamaa». Quem o viu sabe a que nos referimos. É a ficção transformada em realidade em Moçambique.

Mas o trabalho colectivo não se limita apenas às Aldeias. No Lumbo, Distrito da Ilha, 13 cooperantes de TOCOLO fizeram, sem nada comunicar às estruturas políticas da localidade, uma salina da qual produziram e venderam 4 toneladas de sal. Só depois de pronta é que foram comunicar da sua existência. Uma agradável surpresa para o Administrador da

localidade que registou mais uma cooperativa.

UMA CULTURA VIOLENTAMENTE OPOSTA À CULTURA DAS CIDADES

A cultura do camponês está no extremo contrário à cultura do homem das cidades. Dizia-nos o Administrador de Mogovolas que

bido a mesma resposta. Porquê? As raízes da vida comunitária foram perdidas contrariamente ao que sucede com o camponês.

Na realidade a Aldeia Comunal não é senão uma forma superior dessa vida comunitária. Mas sobretudo ela representa a tomada de consciência do camponês que se apercebe de que é capaz de transformar o meio que o cerca, é capaz de domesticar a natureza. O Homem da cidade não vive em

ravam os tubos de canalização para levar água ao seu bairro onde depois construiriam um fontanário. O espírito desses homens e mulheres é um espírito camponês pois Monapo não é uma cidade que lhes tenha transformado a personalidade. Monapo é uma pequena vila industrial onde os habitantes conservam bem nítida a marca das suas origens rurais. Em MEJUCO apareceu uma lagoa



As casas das Aldeias Comunaís surgem alinhadas transversal e longitudinalmente. Todas as aldeias têm uma rua central que varia de 15 a 17 metros de largura e vários arruamentos paralelos à rua principal.

quando a mobilização para a construção de Aldeias Comunaís foi lançada o entusiasmo dos camponeses no Distrito foi tal que começaram a destronar, a abrir picadas e machambas colectivas que foi necessário reprimir essa saudável fúria para se poder coordenar o trabalho e os esforços. Nas cidades, a palavra de ordem para a constituição de bairros comunaís não tem rece-

contacto directo com a natureza. Muitas das suas necessidades são satisfeitas por instituições próprias. Assim a Câmara Municipal encarrega-se de fazer condutas de água. O camponês não tem esse privilégio. Ele é que tem de descobrir a sua água, ele é que constrói a escola para o seu filho. Em Monapo vimos um grupo de residentes de um bairro a fazerem eles mesmos a vala onde enter-

onde apenas dois fios de água desciam e se perdiam nos vales. Para que a lagoa surgisse foi construído um diqué. O trabalho colectivo, a vida comunitária, faz parte da natureza mais íntima do camponês. Com a Revolução ele aprende que afinal é engenheiro agrónomo, é construtor, é transformador do meio ambiente. Faz machambas onde era mato, faz casas onde só havia árvores, er-

que vilas cercadas de verde de copas.

QUAIS OS PROBLEMAS DO CAMPONÊS

Tivemos curtas reuniões com a maioria dos camponeses que edificam as Aldeias Comuns dos Onze Distritos onde estivemos. No momento todo o campo no nosso país estava entregue a uma actividade febril pois era a época da preparação da terra, época da sementeira. Para além destes dois aspectos na Província de Nampula apanhava-se castanha de caju. Por isso nas aldeias não encontramos a totalidade dos camponeses. Mas os que estavam presentes pelo modo como responderam às nossas perguntas foram suficientes para nos permitirem fazer a síntese das principais preocupações dos camponeses. Assim em ordem de importância registamos:

1) Loja para abastecimento em géneros alimentícios.

2) Hospital para tratamento de doenças.

3) Escola para os filhos.

4) Garantia de venda da produção agrícola não de rendimento, regra geral excedente nas necessidades de consumo como, por exemplo, a mapira.

5) Transportes para as deslocamentos aos centros comerciais distritais.

Sob o ponto n.º 4 na Província de Nampula está bem encaminhada a montagem de estruturas de apoio ao camponês, estruturas que se encarregarão de orientar a compra da produção.

Em relação às lojas para abastecimento uma das melhores experiências provém de MEJUCO onde os camponeses montaram uma loja comunal (não confundir com loja do povo) em que são eles que administram o estabelecimento. Tal foi possível em virtude da campanha agrícola de 1975/76 que lhes permitiu com-



E aqui estão dois camponeses a fazerem uma coisa que nunca tinham sonhado fazer. Eles fabricam blocos nas margens do rio Lurio, blocos com que construirão as suas habitações de pedra e cimento. Desta aldeia, a de ODINEPA, também falaremos no próximo número.



A construção de uma das casas de alvenaria da Aldeia Comunal de NAJACA. Os pedreiros de cofió desmentem os mitos de que o islamismo é uma barreira a aceitação da ideologia revolucionária da FRELIMO. No próximo número falaremos em pormenor desta aldeia, verdadeira vila no meio da mata.

prar viveres, tecidos e vestuário para iniciarem a exploração da loja. Gastaram mais de cento e vinte contos nesta iniciativa mas o Governo Provincial aconselhou a um aumento em mercadoria no valor de trezentos contos. Esta loja comunal vende mais barato que o comércio particular. A mesma experiência está em funcionamento em RIEQUE (Aldeia Samora Machel) onde o armazém comunal de pau a pique foi construído num só dia, das 7,30 horas às 12,30. Ficou coberto e maticado

nessas cinco horas de tempo, tal é o ânimo dos camponeses. Esse armazém denominado Armazém 25 de Setembro (dia em que foi construído) é um estabelecimento comunal que tem à venda leite, açúcar, peixe seco, sabão, tecidos etc.

Em NAJACA e em MAMUALI, duas aldeias do Distrito de Moima, funcionam lojas do povo.

Deste modo, pouco a pouco, sem uma uniformização de soluções que poderia entrar em choque com as condições locais, es-

tá-se resolvendo o problema do abastecimento.

Em relação ao hospital ou posto médico uma outra experiência está para ser posta em prática no Distrito de Nacala na Aldeia Comunal de NAMIOPE. Um médico da cidade de Nacala ofereceu-se para ir prestar assistência à aldeia todas as quintas-feiras. Quando por qualquer razão tal não fôr possível em seu lugar irá um enfermeiro. Nesta aldeia já havia 51 famílias a viver quando a visitámos.

Quanto à escola a mesma Aldeia de NAMIOPE serve de exemplo. Tem 76 crianças numa escola comunal feita de pau a pique. As crianças recebem aulas de alfabetização através de um monitor também da aldeia.

Finalmente, quanto aos transportes não encontramos nenhuma solução já posta em prática mas podemos aqui registar uma sugestão de um camponês da Al-

deia de NAMIOPE serve de exemplo. Tem 76 crianças numa escola comunal feita de pau a pique. As crianças recebem aulas de alfabetização através de um monitor também da aldeia.

O SIGNIFICADO DO APARECIMENTO DAS ALDEIAS NA PROVÍNCIA DE NAMPULA

Se as aldeias que visitamos fossem das Províncias que foram temperadas pela luta de libertação muita gente diria que é natural, a luta armada fez «milagres». Mas elas situam-se não nessas Províncias mas precisamente em

aérea mais poderosa do exército português. O seu porto, pelas suas características únicas em toda a costa oriental africana, aguçou as ambições americanas que em combinação com as autoridades de Lisboa pensavam edificar lá uma base naval. O Porto de Nacala está abrigado de qualquer tempestade, tem uma barra de fácil acesso seja qual for a situação atmosférica ou marítima e permite a entrada de barcos de qualquer tamanho a qualquer hora do dia independentemente da maré baixa ou enchente.

A Província de Nampula foi palco das actuações de Joana Simão, tribalista e divisionista, e em Agosto de 1974 registou distúrbios (portanto depois do 25 de Abril) distúrbios comparáveis aos do 7 de Setembro em Maputo e que só não tiveram a dimensão destes porque havia menos coisas para destruir e porque as suas motivações foram diferentes.

Mesmo assim, ainda hoje a população ressent-se do fecho das cantinas assaltadas. Foi um grupo de ambiciosos racistas quem instigou a população mal esclarecida a atacar as propriedades dos indivíduos que fossem brancos. Esses distúrbios tiveram o seu início em Moma, estenderam-se depois até ao distrito de Nacala e, mais para o interior, ao distrito de Mogovolas.

Por outro lado, a Província de Nampula depois da Independência foi uma daquelas que mais tempo ficou sem governador pois que Armando Panguene, que exercia essas funções, foi destacado para Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros e muitos meses se passariam até que novo Governador fosse nomeado.

Apesar de todas estas dificuldades, apesar de um passado político marcado pela forte presença colonial, a Província de Nampula, a sua população rural, está a corresponder às directrizes da FRELIMO. Por isso dizemos que ganham um grande significado as aldeias que estão a ser edificadas naquela Província. Ganham o significado da vitória, a derrota dos tribalistas aliados à Joana Simão, a derrota dos cépticos que achavam que o islamismo, por



Um momento de pausa na construção de blocos no leito do rio Lúrio. As costas levantadas de gente que viveu de costas curvadas.

ter influenciado muito a população desta província, seria um entrave à ideologia revolucionária. A experiência prova que não é bem assim. Alguns camponeses constroem aldeias com o seu cofio na cabeça. Os «shees», chefes religiosos do maometismo, têm muita força sobre a população adulta da costa mas não dominam a população do interior. Esta de-

nuncia as suas manobras e coloca-os frequentemente no mesmo plano que os régulos. E os régulos não são coisa por que a população morra de amores. Eles têm pago bem cara a traição dos tempos coloniais se bem que alguns devido às suas posses materiais, estejam agora a dedicar-se ao comércio prosperando ainda mais.



Sacos de cimento para construção de casas de uma Aldeia Comunal, neste caso a de ODINEPA.



Demarcando, construindo os alicerces, eis o trabalho colectivo de edificação de uma aldeia no Distrito de Nampula.

deia de MEGILA no Distrito de Meconta. Esse camponês disse que face às dificuldades de transporte porque é que as carreiras não faziam um desvio para ir buscar passageiros na aldeia? Acreditamos que quando as aldeias já tiverem um grande desenvolvimento esta solução poderá ser posta em prática.

deias que visitamos não têm mais gente agora porque a actividade está orientada para a campanha agrícola. Finda a presente campanha as aldeias vão crescer, vão-se agigantar. Novas realidades implantam-se em Moçambique.

Nampula base de agressão militar colonialista. A cidade capital da Província foi chamada pelos fascistas de Capital Militar de Moçambique. Era de Nacala que partiam os aviões que iam bombardear as zonas libertadas. Nacala é uma cidade costeira da Província de Nampula, local onde estava edificada a base



A localidade de Lumbo, Distrito da Ilha, regista um ritmo acelerado de formação de cooperativas de salineiros. A beleza desta imagem corresponde à beleza do espírito de cooperação destes trabalhadores. Eles produzem o sal com que se vai temperar a comida produzida nas Aldeias Comunaís.

As aldeias já existentes englobam milhares de indivíduos. Elas vão funcionar como foco de atracção da população ainda indecisa. Elas vão servir de local onde a FRELIMO e o Governo demonstrarão o que se pretende com a construção das Aldeias Comunaís. Como essa demonstração se traduzirá infalivelmente numa melhoria das condições materiais de vida da população das aldeias, a atracção que estas exercerão continuará cada vez com mais força.

Será que não há reacção nas zonas rurais da Província? Há. Ela é frequentemente servida pelos representantes da burguesia colonial, certos funcionários que de um modo ou doutro nos seus trabalhos contactam com a população. Ela por vezes consegue desmobilizar os camponeses das aldeias mas é uma desmobilização muito temporária pois de imediato está lá o administrador ou outro responsável para, em longas reuniões, discutir os problemas e as dúvidas com as populações.

Para que o leitor tome conhecimento desta nova realidade na Província de Nampula, esta nova realidade no nosso país, publicaremos no nosso próximo número trabalhos pormenorizados sobre as Aldeias Comunaís de ODINEPA e MEJUCO situadas no distrito do Eráti. Depois destas publicaremos outros trabalhos sobre as Aldeias dos restantes dez distritos que visitamos. Desde já, dizemos como os camponeses de NAJACA:

ANAMALÍMA WAZULÚ! (VIVAM OS CAMPONESES!).

A construção de Aldeias Comunaís significa que de fome não morreremos. As aldeias surgem como grandes potências agrícolas e a sua construção significa que o povo moçambicano não se deixa intimidar pelos ataques do imperialismo, pelos ataques da soldadesca de Smith. As aldeias comunaís da Província de Nampula são um baluarte estratégico da nossa rectaguarda. Enquanto companheiros nossos morrem em defesa das fronteiras outros fazem maravilhas na produção agrícola.

Mais uma vez dizemos ANAMALÍMA WAZULÚ!